

DOI: 10.33947/1982-3282-V13N1-2-3861

**O COMPORTAMENTO AUTOLESIVO NA ADOLESCÊNCIA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA.****SELF-INJURIOUS BEHAVIOR IN ADOLESCENCE: AN INTEGRATIVE REVIEW.****COMPORTAMIENTO DE AUTOLESIÓN EN LA ADOLESCENCIA: UNA REVISIÓN INTEGRAL.**Gislaine Chaves<sup>1</sup>, Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo<sup>2</sup>, Antônio Augusto Pinto Junior<sup>3</sup>, Helena Rinaldi Rosa<sup>4</sup>**RESUMO**

**Objetivo:** Realizar uma revisão integrativa da literatura sobre o comportamento autolesivo na adolescência. **Método:** Foram consultadas as bases de dados do Portal de Periódicos da Capes, Biblioteca Virtual da Saúde, SciELO, Google acadêmico e bancos de teses da Universidade de São Paulo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade Estadual de Campinas, no período de 2006 a 31 de maio de 2017. Foram considerados os estudos clínicos, teóricos, originais, revisões, completos e gratuitos sobre o comportamento autolesivo na adolescência publicados, nas bases investigadas. **Resultados:** Localizou-se um total de 502 estudos, sendo 24 selecionados de acordo com o critério de inclusão. **Conclusão:** Observou-se, nas bases investigadas, a predominância de estudos qualitativos, em especial, os estudos de caso embasados na abordagem psicanalítica, demonstrando um crescente interesse nos sentidos e significados do comportamento autolesivo pela comunidade científica.

**DESCRITORES:** Comportamento Autodestrutivo; Automutilação; Adolescente.

**ABSTRACT**

**Objective:** Integrative literature review on self-harm behavior in adolescence. **Method:** They had consulted in the databases of Portal of Capes Journal, Virtual Health Library, SciELO, Google Scholar and thesis databases of the University of São Paulo, the Pontifical Catholic University of São Paulo and the State University of Campinas, from 2006 to May 2017. We considered clinical, theoretical, original, review, complete and free studies about self-harm behaviors published in adolescence, under investigated bases. **Results:** We found 502 studies, 24 selected according to the inclusion criteria. **Conclusion:** To observe, according to the investigated bases, the predominantly qualitative studies, in particular the case studies based on the psychoanalytic approach, showing a growing interest in the senses and meanings of self-injurious behavior in the scientific community.

**KEYWORDS:** Self-injurious behavior; Non-suicidal self-injury; Adolescent.

<sup>1</sup> Doutoranda do departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP); mestre em Psicologia Clínica pelo programa de pós-graduação de em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP. E-mail: gislaine.ch@usp.br.

<sup>2</sup> Livre docente do departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: ltardivo@usp.br

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense. E-mail: antonioaugusto.@vm.uff.br

<sup>4</sup> Livre Docente do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. E-mail: rinaldii@usp.br

## RESUMÉN

**Objetivo:** Realizar una revisión bibliográfica integradora sobre el comportamiento de autolesión en la adolescencia.

**Método:** Consultamos las bases de datos del Capes Journal Portal, la Biblioteca Virtual en Salud, SciELO, Google Scholar y Thesis Banks de la Universidad de São Paulo, la Pontificia Universidad Católica de São Paulo y la Universidad Estatal de Campinas, en el período de 2006 al 31 de mayo de 2017. Consideramos los estudios clínicos, teóricos, originales, de revisión, completos y gratuitos sobre el comportamiento de autolesión en la adolescencia publicados, en las bases investigadas. **Resultados:** se encontraron un total de 502 estudios, de los cuales 24 fueron seleccionados de acuerdo con los criterios de inclusión. **Conclusión:** Se observó, en las bases investigadas, el predominio de los estudios cualitativos, especialmente los estudios de casos basados en el enfoque psicoanalítico, que muestran un creciente interés en los sentidos y los significados del comportamiento autolesivo por parte de la comunidad científica.

**PALABRAS CLAVE:** Conducta Autodestructiva; Automutilación; Adolescente.

## INTRODUÇÃO

O comportamento autolesivo tem sido praticado por uma parcela significativa de adolescentes na atualidade, sendo considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) um problema de saúde pública<sup>1-4</sup>. A autolesão diz respeito às lesões corporais deliberadamente infligidas pelo sujeito sobre si mesmo, que podem se apresentar de maneira crônica ou esporádica, gerando ferimentos físicos e/ou danos psíquicos de diferentes intensidades<sup>2</sup>. Trata-se de comportamento socialmente não aceito e de risco, já que o jovem pode se lançar em um padrão de comportamentos negativos para si que culminem em um desfecho fatal<sup>3</sup>.

Em resposta à crescente incidência em amostras clínicas e comunitárias, e, portanto, frente à necessidade de compreensão do fenômeno, nos últimos anos, tal tema tem sido fonte de atenção tanto no Brasil quanto no mundo, proporcionando o desenvolvimento de debates e estudos direcionados. Assim sendo, a presente pesquisa pretende contribuir para o campo de estudos sobre a prática autolesiva na adolescência, considerando que a realização de uma revisão integrativa da literatura seja o primeiro passo.

## OBJETIVO

Realizar uma revisão integrativa da literatura sobre o comportamento autolesivo na adolescência.

## MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Tal modalidade compreende a integração de pesquisas e trabalhos num conjunto que possibilite o desenvolvimento de concepções sobre um tema em questão, a partir de passos previamente estabelecidos<sup>5</sup>. Assim, nesse estudo, seguiu-se as seguintes etapas para a revisão: identificação do tema e estabelecimento da questão de pesquisa; delimitação dos critérios de inclusão e exclusão; seleção, classificação e análise dos estudos escolhidos; extração das principais informações; interpretação dos resultados e apresentação da revisão integrativa.

As buscas foram realizadas entre fevereiro e maio de 2017, por meio das bases de dados do Portal de Periódicos da Capes, Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), SciELO, Google acadêmico (Ga) e nos bancos de teses da Universidade de São Paulo (USP), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) e Universidade

Estadual de Campinas (UNICAMP), contemplando o período de janeiro de 2006 a 31 de maio de 2017. Os estudos foram localizados a partir dos idiomas português, inglês e espanhol.

Foram consultados os vocabulários estruturados dispostos no Descritores de Ciências em Saúde (DECS) e termos *em português a partir de vocabulário não estruturado (VNE)*. Todas as terminologias encontradas foram combinadas com o termo adolescência/adolescente e o operador booleano AND, conforme ilustrado no Quadro 1.

Termo	Operador booleano	Combinado com	Vocabulário estruturado
Adolescência/ Adolescente	AND	Automutilação	DECS
		Comportamento autodestrutivo	
		Comportamento autolesivo	VNE
		Conduta autolesiva	
		Autolesão	
		Comportamento autolesivo não suicida	
Escarificações	Autoflagelo		
Autoflagelo			

Quadro 1. Estratégia de busca utilizada. São Paulo, Brasil, 2017.

Após a coleta dos artigos, procedeu-se ao processo de seleção. Foram incluídos apenas os artigos que se enquadraram nos seguintes critérios de inclusão: (1) estudos publicados entre 2006 e o mês de maio de 2017, (2) clínicos ou teóricos e originais ou revisões, (3) disponibilizados gratuitamente nas bases científicas previamente selecionadas, (4) com o texto completo, (5) cujo público-alvo fossem os pré-adolescentes e/ou adolescentes e (6) versasse sobre o comportamento autolesivo com ou sem intenção suicida.

Os artigos encontrados foram avaliados, primeiramente, por meio da leitura do título e do resumo, sendo classificados, numa planilha do programa *Microsoft Excel 2010*, entre os itens: incluído, excluído ou dúvida. Os estudos classificados como “dúvida” foram reavaliados pela pesquisadora e adicionados a uma categoria definitiva em um segundo momento. Os estudos que se repetiram, ou seja, os artigos duplicados, foram computados uma única vez.

Posteriormente à classificação de todos os estudos encontrados, aqueles selecionados foram lidos na íntegra e suas informações foram analisadas detalhadamente. Tal análise possibilitou a identificação de temas frequentes, isto é, assuntos que se repetiram em mais de um artigo, os quais foram divididos, para melhor compreensão, em dois grandes eixos temáticos, a saber: *Caracterização dos estudos: Ano, delineamento dos estudos e afiliação dos autores* e *Compreensão do fenômeno: nomenclatura, prevalência, características,*

fatores de risco e hipóteses. Cada eixo contou com uma síntese da apresentação dos resultados e a respectiva discussão dos tópicos abordados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca por meio das bases de dados e bancos de teses localizou um total de 502 estudos. Deste montante, 478 foram desconsiderados: 400 por não atenderem aos critérios de inclusão, 76 por duplicidade e 2 devido a inacessibilidade do conteúdo. Dessa forma, ao final, foram eleitos 24 estudos para compor a análise final desta pesquisa (Figura 1).

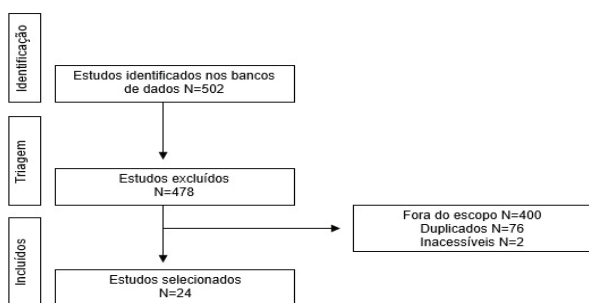


Figura 1. Fluxograma dos estudos selecionados. São Paulo, 2017. Fonte: Elaborado pelos autores.

A Tabela 2 detalha a quantidade de estudos analisados em suas respectivas categorias, distribuídos por base de dados.

Tabela 2. Distribuição dos estudos encontrados. São Paulo, 2017.

Base \ Banco	Total avaliado	Total excluído	Total repetido	Total inacessível	Total selecionado
Capes	51	39	10	0	2
BVS	38	24	9	2	3
SciELO	3	1	1	0	1
USP	370	313	56	0	1
PUC	23	23	0	0	0
UNICAMP	0	0	0	0	0
Ga	17	-	-	-	17
<b>Total</b>	<b>502</b>	<b>400</b>	<b>76</b>	<b>2</b>	<b>24</b>

## Caracterização dos estudos: ano, delineamento dos estudos e afiliação dos autores.

A maior parcela de estudos sobre o tema, 17 (70,8%), foi localizada por meio de pesquisa livre na plataforma do Google acadêmico, dado que reforça o alcance e a relevância dessa ferramenta, já que reúne diversas bases em um único sistema. Os demais estudos estavam indexados nos acervos científicos da BVS (12,5%); Capes (8,3%), SciELO (4,1%) e no Banco de Teses da USP (4,1%) (Quadro 2).

Quanto à relação entre ano e quantidade das publicações, os anos de 2015 e 2016 destacaram-se com 6 (25%) publicações cada, com predomínio das dissertações. O ano de 2017 apresentou 4 (16%) publicações nacionais até maio de 2017, estando a maioria em formato de artigo científico. Sobre o tipo de publicação, no geral, predominaram os artigos, 13 (54,1%), seguido das dissertações, 10 (41,6%), derivadas de cursos da modalidade *stricto sensu*, 9 (90%) e *lato sensu*, 1 (10%) (Quadro 2).

Sobre a afiliação dos pesquisadores, as universidades brasileiras se destacaram com 13 estudos (54,1%), sendo as universidades públicas predominantes, 10 (76,9%), em especial as federais, 7 (70%). As instituições internacionais ocuparam 45,8% do total, com especial destaque para a Universidade de Coimbra, Portugal (12,5%) (Quadro 2).

Quadro 2. Trabalhos selecionados. São Paulo, 2017.

Ano	Base	Autor(es)	Tipo	Delineamento	Afiliação	
1	2017	Ga	Fortes & Kother	Artigo	Reflexão teórica	PUCRS
2			Gonçalves & Silva	Cap. Livro	Qualitativo	FURG
3			Simioni	Dissertação	Quantitativo	UFRGS
4			Silva & Siqueira	Artigo	Misto	FAROL
5	Rolim, Ferreira & Carneiro	Qualitativo	UPE			
6	2016	Ga	Dissertação	Lorena	Qualitativo	UNICAP
7				Pereira	Quantitativo	
8				Cardoso	Revisão	UC
9			Fernandes & Carvalho	Artigo	Qualitativo	UFSC
10			Ferreira	Dissertação	Revisão	UC
11			Venosa		Qualitativo	USP
12	Rodrigues	Quantitativo	ISPA			
13	2015	Ga	Dissertação	Cardoso	Qualitativo	UnB
14				Bernardes	Dissertação <sup>11</sup>	Qualitativo
15			Jorge, Queirós & Saraiva	Artigo	Qualitativo	CHPorto
16			Vilhena & Prado		Reflexão teórica	UERJ
17	2014	BVS	Morales	Artigo	Revisão	UPCH
18	2013	Capes	Guerreiro & Sampaio		Revisão	ULisboa
19	2011	BVS	Drieu, Proia-Lelouey & Zanello		Reflexão teórica	UCaen
20		Ga	Mesquita, Ribeiro, Mendonça & Maia		Quantitativo	UMinho
21		Rosa	Qualitativo		UFRGS	
22	2010	SciELO	Le Breton		Reflexão teórica	UMarch Bloch
23		Ga	Jatobá		Dissertação	Qualitativo
24	2008	LILACS	Nader & Morales	Artigo	Quantitativo	UChile

Legenda: PUCRS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; FURG: Universidade Federal do Rio Grande; UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; FAROL: Faculdade de Rolim de Moura; UPE: Universidade de Pernambuco; UNICAP: Universidade Católica de Pernambuco; UC: Universidade de Coimbra; UFSC: Universidade Federal de Santa Catarina; USP: Universidade de São Paulo; ISPA: Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida; Profissional; UnB: Universidade de Brasília; CHPorto: Departamento de Psiquiatria da Infância e da Adolescência do Centro Hospitalar do Porto; UERJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; UPCH: Universidade Peruana Cayetano Heredia; ULisboa: Universidade de Lisboa; UCaen: Universidade de Caen; UMinho: Universidade do Minho; UFRGS: Universidade March Bloch; UFBA: Universidade Federal da Bahia; UChile: Universidade de Chile.

Tais resultados são consonantes com a literatura que aponta que um quinto dos artigos de periódicos nas Ciências em geral derivam de pesquisas advindas de dissertações de mestrado ou teses de doutorado<sup>6</sup>. No contexto brasileiro, a produção científica em geral justifica-se pelo investimento na pós-graduação, possível por meio do fomento das agências federais, especialmente, nos últimos anos e a adesão de muitos estados que passaram a financiar atividades de pesquisa<sup>7,8</sup>. No entanto, tal fomento não é suficiente, pois, embora nesse estudo a produção brasileira sobre o comportamento autolesivo seja maior nas bases selecionadas, ainda é tímida quando comparada com a publicação de países norteamericanos e europeus<sup>3,9-11</sup>.

Ademais, em relação ao delineamento dos estudos, prevaleceram os estudos qualitativos (41,6%), quantitativos (20,8%), de reflexão teórica (16,6%), revisões de literatura (16,6%) e mistos (4,16%) (Quadro 2). Tais achados sugerem maior interesse, nos estudos selecionados, no conhecimento das vivências desses sujeitos e suas representações pessoais.

**Compreensão do fenômeno: nomenclatura, prevalência, características, fatores de risco e hipóteses.**

## NOMENCLATURA

Observou-se no título dos artigos e dissertações um total de 11 denominações diferentes para situar o comportamento autolesivo. Desse total, 4 (36,6%) se destacaram: automutilação, escarificação, comportamento autolesivo não suicidário / sem intenção suicida e comportamento autolesivo (Tabela 3).

Tabela 3. Frequência de nomenclaturas. São Paulo, 2017.

Nomenclatura	Frequência	Afiliação
Automutilação	5	Brasil
Escarificação	5	
Comportamento autolesivo	2	
Autolesão deliberada	1	
Ato de cortar-se	1	
Comportamento autodestrutivo	1	
Marcas corporais	1	
Mutilação	1	
Comportamento autolesivo não suicidário / sem intenção suicida	3	
Comportamento autolesivo	3	
Síndrome de automutilação	1	

A Tabela 3 demonstra que, na literatura brasileira, os termos automutilação<sup>11,14,23-25</sup> e escarificação<sup>18,26,27,34,37</sup> se sobressaíram. Já na comunidade internacional termos como comportamento autolesivo não suicidário/

suicida ou seu respectivo, comportamento autolesivo, predominaram entre a produção internacional<sup>3,12,13,16,21,22</sup>, havendo apenas três estudos brasileiros que utilizaram denominação similar<sup>10,17,19</sup>. Nota-se que tal diversidade de termos corrobora os dados da bibliografia especializada, apontando para a dificuldade de definição de uma nomenclatura universal para o fenômeno, dada a intencionalidade de morte ou não do sujeito que se autolesiona<sup>3,10-17</sup>.

Nesse contexto, vale ressaltar que numa tentativa de unificar a compreensão sobre o comportamento autolesivo e demarcar suas especificidades, em 2013, o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders V (DSM-V)* ou Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição, incluiu em sua versão definitiva uma entidade nosológica, denominada de *Non Suicidal Self-Injury (NSSI)*, como condição que requer mais estudos<sup>16,17</sup>. Em tradução livre, NSSI significa autolesão sem intenção suicida e diz respeito a condutas autoagressivas que envolvem lesões superficiais provocadas pelo sujeito sobre a própria pele sem a intenção de morte autorrelatada. Adicionalmente, a comunidade anglo-saxônica também reconhece como parte desse fenômeno a *Deliberate Self-Harm (DSH)* ou autolesão deliberada, que não se atém sobre a certificação de desejo de morte do sujeito e considera os comportamentos excessivos, como, por exemplo, as sobredosagens, como condutas autolesivas<sup>3</sup>.

A vista de tais resultados, pode-se conceber que a maior utilização da terminologia autolesão nos estudos internacionais aponta para um movimento no campo científico com fins de coesão, a fim de dirimir as muitas implicações das diferentes estatísticas epidemiológicas e dos dados clínicos nos estudos enquanto fatores que podem comprometer as pesquisas, integração do conhecimento e, conseqüentemente, o fomento de medidas preventivas. Nesse contexto, o Brasil tem apresentado modesta contribuição. A maior utilização do termo automutilação, que diz respeito a casos de maior e menor complexidade, que envolvem a autocrastração e diferentes tipos de autolesão por condições psiquiátricas ou religiosas<sup>12,14,19</sup>, e a escarificação, que integra o espectro da automutilação, e se trata de uma forma de autolesão que envolve arranhões e pequenas incisões sobre a pele<sup>18</sup>, parecem estar associadas aos primórdios das investigações sobre a autolesão e a amplitude do conceito automutilatório.

O conceito de automutilação foi introduzido por

Karl Menninger em 1938 com intenção de diferenciar o comportamento autoagressivo da tentativa de suicídio<sup>11</sup>. No entanto, a utilização do termo automutilação como similar ao comportamento autolesivo, ou ao NSSI, realizados pelos jovens da atualidade pode ser considerado um equívoco já que este é um comportamento de alta gravidade, associado com a estrutura psicótica, comum à sintomatologia do transtorno *borderline* de personalidade ou do espectro autista<sup>12,28,29</sup>.

## PREVALÊNCIA

Nessa revisão, poucos foram os estudos encontrados sobre a prevalência do fenômeno. Em território nacional, uma dissertação de mestrado<sup>10</sup> descreveu a prevalência e as associações desse comportamento com fatores de risco demográficos, clínicos e relativos à psicopatologia materna em uma amostra comunitária composta por 2.508 crianças e adolescentes de 06 a 14 anos, e suas mães, de 57 escolas, 35 do estado de São Paulo e 22 de Porto Alegre. Os principais resultados apontaram para o engajamento no comportamento autolesivo, no público investigado, em 0,6% para crianças e 1% para adolescentes, de modo que ao longo da vida essa probabilidade aumentou para 1,8% e 1,6%, respectivamente, independentemente das variáveis de idade, sexo e/ou etnia.

Paralelamente, um estudo realizado em Portugal, Lisboa<sup>30</sup>, indica que 12,2% de uma amostra composta por 408 adolescentes com idade média de 17 anos já havia se autolesionado em algum momento, sendo, que deste total, 47,4% haviam realizado a conduta ao menos uma vez na vida. Sobre isso, outros trabalhos internacionais corroboram tais estatísticas, estimando que 10% dos adolescentes no mundo irão lançar mão do comportamento ao menos uma vez ao longo da vida em amostras comunitárias, sendo este número elevado exponencialmente quando se refere à população clínica, chegando a 82% de probabilidade<sup>3,13</sup>.

Com base nos estudos avaliados é possível observar que a prevalência do comportamento autolesivo é variável, oscilando de acordo com a geografia, amostra avaliada e metodologia de pesquisa empregada. Além disso, tal variância pode ser compreendida como resultado da subnotificação desse comportamento, já que na maior parte das vezes é realizado isoladamente e seu informe dependente do indivíduo<sup>13,30</sup>. Também a menor quantidade de estudos encontrados sobre a prevalência nessa pesquisa pode ser interpretada em termos de um

campo que tem sido foco de pesquisas, com extensa literatura epidemiológica e clínica atual, de modo que a compreensão do *modus operandi* e significado do comportamento estejam sendo foco de maior interesse.

## FATORES DE RISCO

A revisão de literatura divulgada pela Universidade de Coimbra em Portugal<sup>16</sup> analisou 27 artigos para averiguar a relação entre o Comportamento Autolesivo Sem Intenção Suicida (CAL SIS) e Experiências de Adversidade Precoce (EAP) tanto em amostras clínicas quanto comunitárias. As EAP são circunstâncias de vidas desestruturantes e prejudiciais ao bem-estar emocional, psicossocial e biológico do sujeito. Assim, o estudo em questão observou a relação dessa conduta com abuso físico, sexual e/ou emocional, negligência, violência física ou psicológica, *bullying* e exposição à violência comunitária, bem como índices significativos de autocrítica, autoculpabilização, pessimismo, dissociação, sintomatologia depressiva, transtorno de estresse pós-traumático, com prejuízos no suporte social e na capacidade de regulação emocional.

Numa linha semelhante de raciocínio, a relação entre *bullying* e o comportamento autolesivo foi avaliada<sup>22</sup>. Fez parte do estudo uma amostra de 271 sujeitos com idade entre 12 e 18 anos e, por meio dos instrumentos de autorrelato, foi constatada correlação positiva entre os constructos autocrítica e perfeccionismo, sendo o desejo de evitar expor ou admitir aos outros sobre a falha/fracasso categoria altamente pontuada pelos jovens com o comportamento. Tais adolescentes apresentaram relatos de situações em que se sentiram vitimizados, bem como baixa autoestima, preocupação com o julgamento externo e pensamentos negativos sobre si.

Também foram descritas associações de tal comportamento com dificuldades no relacionamento parental e entre pares. A ausência de uma comunicação congruente, positiva e participativa entre os membros da família foi observada como um importante fator de risco para o desenvolvimento do comportamento autolesivo, e, conseqüentemente, de ideação suicida, uma vez que pode se tornar uma maneira de lidar com o sofrimento intrafamiliar, dada a impotência do adolescente frente aos conflitos vivenciados<sup>21,30</sup>.

Adicionalmente, a exposição dos jovens que se autolesionam nas redes sociais apresenta-se como meio para comunicação da conduta e, conseqüentemente dos afetos, descortinando dificuldades familiares de or-

dem diversa, desde falhas na comunicação até severa negligência, como também situações que envolvem rejeição e sentimento de frustração com os colegas<sup>24</sup>. Tal exposição parece possibilitar o alívio das tensões e a promoção de sensação de pertencimento, no entanto, ao mesmo tempo, observa-se que pode acarretar ainda mais prejuízos para o sujeito dada a vulnerabilidade de sua condição.

Ademais, intrínseco ao comportamento autolesivo estão também as ideações e tentativas suicidas. Os estudos analisados salientam o comportamento autolesivo como preditor e potencializador de ímpetos suicidas, especialmente, quando a autolesão se torna recorrente<sup>3,16,17</sup>, sendo, portanto, urgente e necessária a atenção a esses jovens com o intuito de prevenir demais complicações, como a substituição desse comportamento por outro de risco, ou o suicídio propriamente dito.

## CARACTERIZAÇÃO

Dentre os achados, destaca-se o estudo brasileiro que objetivou caracterizar o perfil de adolescentes que se autolesionam, matriculados em sete escolas estaduais no município de Rolim de Moura, Rondônia, a partir da perspectiva dos orientadores institucionais participantes<sup>19</sup>. Os resultados apontaram o envolvimento de meninos e meninas no comportamento, sendo estas últimas, com idade entre 12 e 15 anos, as principais protagonistas. Tais alunos apresentaram desempenho escolar menor que a média esperada e foram observadas mudanças no seu comportamento usual, principalmente, na vestimenta, com o uso de roupas de mangas longas, bem como pulseiras, faixas e adereços em geral na região dos braços. Também foi possível observar maior nível de agressividade, alterações nos grupos de amizade e isolamento social na amostra avaliada. Tais dados corroboram outros estudos<sup>3,13,10</sup>.

Quadros psicopatológicos também são frequentemente relacionados ao comportamento autolesivo. Nos estudos encontrados, há predomínio de engajamento no comportamento por sujeitos com transtornos pertencentes a classificação multiaxial do eixo I do DSM-IV, como o Transtorno de adaptação, opositor desafiante, de ansiedade, depressão maior e de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)<sup>10,13,30,32</sup>, e, em menor volume, nos do eixo II, como Transtorno *borderline* e histriônico de personalidade<sup>32</sup>. Tal observação é condizente com a da OMS que ressalta que 40% a 60% dos adolescentes pertencentes à amostra clínica, no que diz respeito

a conduta autolesiva, apresentam distúrbio psicopatológico<sup>22,35</sup>. Somado a isso, também foram observadas influências dos transtornos psiquiátricos nas figuras parentais de referência como coadjuvantes para a conduta autolesiva no adolescente<sup>10,30</sup>.

Entretanto, cabe salientar que uma parcela significativa de estudos não associou explicitamente a autolesão às problemáticas clínicas<sup>23,11,19,26,14,25,36,24,37,18</sup>. Tal dado sugere que o comportamento autolesivo pode ser compreendido para além de tais condições, havendo diversas razões cabíveis de interpretação. As hipóteses variadas encontradas nos estudos analisados sugerem essa observação.

## HIPÓTESES PSICOLÓGICAS

Foram encontradas muitas concepções a respeito do fenômeno autolesivo com base na ciência psicológica, sendo a abordagem psicanalítica predominante entre os estudos<sup>15,18,23,25,27,33,34,36,38</sup>. A abordagem gestáltica esteve presente em um estudo<sup>14</sup>.

Dentre estes, destaca-se os relatos expostos em um *blog* por adolescentes que se autolesionam e, com base nos quais, os autores discutem sobre a qualidade das principais relações que o sujeito estabelece com o mundo e a relação de tal comportamento com as rachaduras na experiência de alteridade<sup>23</sup>. As autoras se debruçam sobre as influências da precária interação com o outro, ou sua ausência, e o papel ocupado pelo ambiente virtual na vida desses jovens enquanto fator que reforça a importância dos testemunhos eletrônicos frente à angústia experimentada, com vistas a legitimá-la. A partir disso, os autores interpretam o comportamento autolesivo como a impossibilidade de endereçamento do sofrimento psíquico ao outro, de criação de um espaço de comunicação consciente e inconsciente, sendo o único destino possível para a pulsão: retornar para o sujeito.

Numa linha semelhante de compreensão, o comportamento autolesivo foi observado como uma problemática de apropriação subjetiva<sup>36</sup>. Partindo dos fragmentos do caso clínico de uma adolescente com comportamento anoréxico e autolesivo, os autores salientam a relação dessa conduta com diversas origens traumáticas suscitadas pelo rompante da puberdade, escancarando os desafios pulsionais, bem como a fragilidade dos laços intersubjetivos. Nesse sentido, o caráter paradoxal do comportamento autolesivo foi observado, de modo que o mesmo estaria a serviço da reconstrução dos limites entre o Eu e o Outro, evidenciando o trabalho



intersubjetivo em andamento, sendo o corpo objeto de clivagem.

Partindo da premissa de que as autolesões na adolescência se referem a patologias de investimento dos limites e a falhas nas funções de manutenção, continência e para-excitação do Eu-Pele, conceito proposto por Anzieu, foi realizada uma pesquisa que incluiu entrevistas e aplicação do método *Rorschach* em 10 adolescentes<sup>34</sup>. Os resultados obtidos apontaram para falhas nas funções do Eu-pele em todos os participantes, podendo ser a autolesão uma maneira de simbolizar o traumático, com vistas a garantir a coesão e a sobrevivência psíquica em razão da dificuldade de elaboração psíquica. Ademais, foi realizado um estudo de caso<sup>33</sup> com uma adolescente de 15 anos engajada no comportamento autolesivo, com crises bulímicas e tentativas de suicídio, sendo discutida a dimensão do corpo como ambiente da constituição psíquica e da pele enquanto fator estruturante e organizador do psiquismo. Nesse estudo, muitas hipóteses foram levantadas, mas uma se destacou: a prática autolesiva como meio de reivindicação da diferenciação do Outro, com vistas à elaboração subjetiva, entretanto, de maneira marcadamente ambivalente.

Entre os estudos selecionados, a dimensão sexual também foi considerada<sup>33,36</sup>. Tendo em vista os fragmentos de um caso clínico e por meio da interlocução com a literatura, a escarificação foi analisada como símbolo de um interdito diante da relação sexual dada a presença tanto da pulsão de vida quanto de morte nessa manifestação, e, a partir de Lacan, exercendo uma função erótica<sup>36</sup>. Em outro estudo<sup>33</sup>, também se discutiu a dificuldade dos pais em lidar com as questões sexuais adolescentes e as influências de suas conflitivas conjugais como aspecto gerador de angústia no jovem.

A invisibilidade vivenciada e o sentimento de desamparo nos sujeitos que se autolesionam também foi analisado<sup>14,25</sup>. A luz de conceitos gestálticos, o comportamento autolesivo foi compreendido como uma medida de perda de contato com um mundo considerado hostil, sendo a retroflexão - ato de retornar para si mesmo a energia mobilizada - acionada na ausência de possibilidades de comunicação com o ambiente<sup>14</sup>.

Assim, a dor leva a experiência de desamparo, contribuindo para que o adolescente da atualidade se encontre cada vez mais confuso e à mercê de suas próprias outorgas, haja vista a liberdade dos costumes e, em contrapartida, as altas exigências de suas competências, como fatores que geram frustração e raiva<sup>25</sup>. Adicionalmente, as autoras discorrem sobre a alta incidência

no Ocidente de atuações adolescentes autoagressivas, distinguindo entre os conceitos psicanalíticos de ato, *acting out* e passagem ao ato como elementos importantes para pensar a prática clínica com esses jovens.

Tais conceitos são assinalados em outros artigos, fazendo pensar o comportamento autolesivo na adolescência a partir de tal vertente<sup>15,38</sup>. O ato é representado pela ação do jovem que, frente a angústia, corta-se com o intuito de simbolizar a dor sentida; o *acting-out* é compreendido quando o sujeito, diante da angústia sem nome, interpela pelo reconhecimento do Outro, pois faltam-lhe palavras, trata-se, portanto, de um impasse, destinando ao Outro a necessidade de simbolização; e a passagem ao ato é da ordem do radical, implica em um "deixar cair", com vistas a dar conta, por meio da ação, da angústia avassaladora, envolvendo a ação inconsciente, impossível de ser simbolizada, sendo um dos funcionamentos mais perigosos, pois pode culminar em suicídio<sup>15,25,38</sup>.

Tendo em vista tais conceitos, ressalta-se o estudo qualitativo realizado com quatro adolescentes de 15 a 17 anos de idade que se autolesionavam<sup>27</sup>. Os participantes foram entrevistados e o material analisado revelou que o corpo para estes jovens se tornou palco de expressão do mal-estar psíquico, traduzido num *acting-out* como meio de sobrevivência psíquica a fim de não sucumbir a desintegração. Outro estudo semelhante<sup>18</sup> apontou para compreensões compatíveis também com a noção de *acting-out*, sendo os cortes uma mensagem destinada ao Outro, e, concomitantemente, associadas ao conceito de passagem ao ato, termo cunhado por Le Breton, em razão da ausência da atividade simbólica.

## INTERPRETAÇÕES ANTROPOLÓGICAS

Para Le Breton, no que diz respeito à conduta autolesiva, o conceito de ato de passagem<sup>37</sup> desvela uma forma paradoxal de comunicação que solicita cuidados e age, ainda que de forma inconsciente, para ser descoberta. Nesse contexto, o corpo, frente aos conflitos que impossibilitam o pensar ou que causam intenso sofrimento, torna-se objeto transicional, "um objeto lançado contra o mundo na tentativa de forçar uma passagem para existir apesar de tudo" (p. 27), sendo a autolesão considerada uma tentativa de recuperação de sentido, de sobrevivência, em que as marcas contemplam significados e sentidos singulares, os quais apenas os sujeitos são capazes de informar.

Com base nas concepções do neotribalismo e da

Antropologia, foram analisadas as publicações de um grupo de jovens, pertencentes ao grupo urbano Emo (denominação dada aos fãs do estilo musical Emocore), em uma rede social da internet<sup>26</sup>. Tendo em vista a singularidade desse grupo, as escarificações foram compreendidas para além de sua função de descarga e apaziguamento psíquico, porém reconhecidas como um dos elementos identitários do grupo. O *status* de pertencimento foi reforçado, operando por meio de um código partilhado entre os seus integrantes cujo corpo cortado não é considerado exclusivo, mas veículo de comunicação social e de afetividade, transo de um objeto, para um corpo-texto, circunscrito de significados.

Numa perspectiva social, a partir do trabalho desenvolvido com escolares sobre o tema da autolesão, sexualidade e gênero<sup>11</sup>, foram observados discursos fortemente marcados por estereótipos de gênero. Tal dado levou as autoras a questionarem a baixa estatística de meninos envolvidos no comportamento, uma vez que os dados encontrados permitem afirmar que se trata de um comportamento de base sociocultural. Assim, concluem que a prática automutilatória pode significar uma expressão de outras violências a que estes jovens estão submetidos.

## INTERPRETAÇÕES PSICOPATOLÓGICAS

A autolesão também foi reconhecida como uma resposta disfuncional diante de sentimentos insustentáveis, suscitando alívio<sup>12</sup>. Tal conduta expressaria a ausência de regulação emocional e de tolerância à frustração, sendo três as principais motivações para sua realização: 1. Percepção de estímulo como agonizante ou de difícil contenção, gerador de sentimento de impotência, frustração e ira, que adquirem características compulsivas, em nível psicológico e fisiopatológico, semelhantes às do Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC) e da adição; 2. Desregulação das vias associativas e estruturas subcorticais como o hipocampo, tálamo e os canais de comunicação com o córtex pré-frontal e temporal, e 3. Distorção cognitiva, que envolve desde uma crença irracional até episódios psicóticos de menor intensidade, com pensamento delirante e alucinações, estando muito associado com transtornos da personalidade e comportamentos limítrofes.

Dada a intenção de decodificar o comportamento autolesivo por meio de uma amostra clínica de 25 adolescentes<sup>13</sup>, observou-se, com base na sistematização teórica realizada por Suyemoto (1998), a correspon-

dência de tal comportamento com mais de um modelo, predominando o modelo de regulação emocional com suas funções de alívio da tensão emocional e tentativa de fuga da circunstância estressora, e o modelo ambiental com suas funções interpessoais, como a sinalização de um mal-estar, manifestação de sentimentos de raiva e de ataque aos limites do outro, e, em menor número, de validação social.

O comportamento autolesivo sem intenção suicida enquadra-se na categoria de natureza impulsiva<sup>12</sup>. Mas do ponto de vista clínico, pode estar a serviço de diferentes necessidades, seja para promoção de sentimento de bem-estar (catártico); como via de retorno ao contato de si mesmo e com a realidade (reintegração); como meio para alcance de ganhos (dissociativo); para evitar implicações sociais e criminais (antissocial); meio de buscar atenção (narcisista); fruto de alucinações e delírio (psicótica) e cuja intenção é assumir a enfermidade do sujeito (factícia)<sup>32</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados dessa revisão revelam que o comportamento autolesivo tem sido investigado com maior frequência no campo científico. Embora sua prevalência seja variável, os estudos encontrados são unânimes em reconhecer sua preponderância mundial, a nível clínico e social, bem como os riscos envolvidos em tal prática, em especial, sua potencialidade suicida. Nessa revisão, todos os estudos ao abordarem a conduta autolesiva, em maior ou menor grau, mencionaram a conduta suicidária, dado que aponta para a intrínseca relação existente entre ambos.

Verifica-se dificuldade de consenso quanto a nomenclatura utilizada para se referir ao comportamento autolesivo, estando a principal dificuldade atrelada a confirmação da intencionalidade de morte. Contudo, constata-se tentativa de coesão do campo, especialmente, por parte do meio internacional na adoção do termo autolesão, ou seu correspondente, para denominar o fenômeno, sendo a aderência brasileira ainda incipiente. Somado a isso, a produção nacional ainda é modesta quando comparada a internacional, salientando-se a necessidade de investimento na área e estímulo para a divulgação de dados de outras realidades do país.

Muitas são as explicações dadas para o comportamento autolesivo. Todavia, a hipótese mais relatada nos estudos selecionados compreende a conduta como resultante de conflitos e sentimentos negativos, na qua-

lidade de resposta psíquica desesperada para algum desequilíbrio emocional, uma descarga de tensões percebidas como superiores às que o sujeito é capaz de suportar. Ainda sobre as motivações, grande parcela dos estudos associou diretamente o comportamento autolesivo às angústias do ser adolescente.

Nas bases investigadas, houve estudos de cunho psicossocial, antropológico, de revisão bibliográfica, entretanto, predominaram os estudos clínicos, em especial, os estudos de caso embasados na abordagem psicanalítica, demonstrando um crescente interesse nos sentidos e significados do comportamento autolesivo. Assim, a presente revisão aponta para a complexida-

de do fenômeno, suportando a investigação existente, apontando, contudo, para a necessidade de aprofundamento em investigações futuras, constituindo-se em ponto de partida.

#### **AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO**

Essa pesquisa foi suportada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq. Processo 133883/2017-5).

À Phablo Abreu pelo apoio para a realização desse trabalho com sugestões e pontuações fundamentais.

## REFERÊNCIAS

- 1' Hawton K, Saunders KE, O'Connor RC. Self-harm and suicide in adolescents. *Lancet* [periódico na Internet]. 2012 [acesso em 2017 Maio]; 379(9834):[2373-82]. Disponível em: DOI: 10.1016/S0140-6736(12)60322-5.
- 2' Ougrin D, Tranah T, Stahl D, Moran P, Asarnow JR. Therapeutic interventions for suicide attempts and self-harm in adolescents: systematic review and meta-analysis. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry* [periódico na Internet]. 2015 [acesso em 2017 Maio] 54(2):[97-107]. Disponível em: DOI: 10.1016/j.jaac.2014.10.009.
- 3' Guerreiro DF, Sampaio D. Comportamentos autolesivos em adolescentes: uma revisão da literatura com foco na investigação em língua portuguesa. *Rev Port Saúde pública* [periódico na Internet]. 2013 [acesso em 2017 Maio] 31(2):[204-13]. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rpsp.2013.05.001>
- 4 Muehlenkamp JJ, Claes L, Havertape L, Plener PL. International prevalence of adolescent non-suicidal self-injury and deliberate self-harm. *Child Adolesc Psychiatry Ment Health*. 2012 [acesso em 2017 ago]; 30:[6-10]. Disponível em: DOI: 10.1186/1753-2000-6-10
- 5 Souza MT, Silva MD, Carvalho R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein* [periódico na Internet]. 2010, [acesso em 2017 Maio]; 8:[102-106]. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt\\_1679-4508-eins-8-1-0102](http://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102)
- 6 Meadows AJ. A comunicação científica. Brasília: Briquet de Lemos/Livros; 1998/1999.
- 7 Brofman, PR. A importância das publicações científicas. *Cogitare Enfermagem* [periódico na Internet], 2012 [acesso em 2017 jun]; 17(3). [419-21]. Disponível em: doi <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v17i3.29281>
- 8 Capes. As razões para o avanço da produção científica brasileira. 2011 Disponível em: <http://www.capes.gov.br/component/content/article?id=4720:as-razoes-para-o-avanco-da-producao-cientifica-brasileira>.
- 9 Muehlenkamp JJ, Williams KL, Gutierrez PM, Claes L. Rates of Non-Suicidal Self-Injury in High School Students Across Five Years, *Archives of Suicide Research*, 2009 [acesso em 2017 Maio]; 13(4),317-329, DOI: 10.1080/13811110903266368.
- 10 Simioni AR. Autolesão deliberada em crianças e adolescentes: prevalência, correlatos clínicos e psicopatologia materna [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Medicina; 2017.
- 11 Gonçalves JN, Silva, EPQ. Automutilação, gênero, sexualidade e escola. In: Ribeiro PRC, Magalhães JC, organizadores. *Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade*. Rio Grande: Ed. da FURG; 2017. p. 233-48.
- 12 Morales JC. Autolésion no suicida em adolescentes peruanas: una aproximación diagnóstica y psicopatológica. *Rev Neuropsiquiatr* [periódico na Internet], 2014 [acesso em 2017 jun]; 77(4): 226-35. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.20453/rnp.v77i4.2192>.
- 13 Jorge JC, Queirós O, Saraiva J. Descodificação dos comportamentos autolesivos sem intenção suicida: estudo qualitativo das funções e significados na adolescência. *Análise Psicológica* [periódico na Internet]. 2015 [acesso em 2017 jun]; 2(23): 207-19. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.14417/ap.991>
- 14 Bernardes SM. Tornar-se (in) visível: um estudo na rede de atenção psicossocial de adolescentes que se automutilam. [Dissertação de mestrado profissional]. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Saúde; 2015.
- 15 Venosa VS. O "ato de cortar-se": uma investigação psicanalítica a partir do caso Amanda e do caso Catarina. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho; 2015.

- 16 Ferreira SFSM. Comportamentos autolesivos sem intenção suicida na adolescência: papel das experiências de adversidade precoce. [Dissertação de Mestrado]. Portugal: Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra; 2016.
- 17 Cardoso GT. Comportamentos autolesivos e ideação suicida nos jovens. [Dissertação de Mestrado]. Portugal: Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Medicina; 2016.
- 18 Jatobá MMV. O ato de escarificar o corpo na adolescência: uma abordagem psicanalítica. [Dissertação de Mestrado]. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento; 2010.
- 19 Silva MFA, Siqueira AC. O perfil de adolescentes com comportamentos de autolesão identificados nas escolas estaduais em Rolim de Moura – RO. Rev FAROL [periódico na Internet]. 2017 [acesso em 2017 jun]; 3(3):[5-20]. Disponível em: <http://www.revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/38/57>
- 20 Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde; 2010.
- 21 Rodrigues JR. Funcionamento familiar e percepção de rejeição paterna: influência na ocorrência de comportamentos autolesivos na adolescência. [Dissertação de Mestrado]. Lisboa: Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida; 2015.
- 22 Pereira MTRF. Bullying e comportamento autolesivos não suicidários na adolescência. [Dissertação de Mestrado]. Portugal: Universidade de Coimbra. Psicologia Clínica e da Saúde; 2016.
- 23 Fortes I, Kother M. Automutilação na adolescência: rasuras na experiência de alteridade. Psicogente [periódico na Internet], 2017 [acesso em 2017 jun]; 20(38):[353-67]. Disponível em: doi10.17081/psico.20.38.2556
- 24 Rosa NBK. O uso da internet como espaço terapêutico. Cad de aplicação [periódico na Internet], 2011 [acesso em 2017 jun]; 24(2):[131-43]. Disponível em: [file:///C:/Users/Baia\\_07/Administrador07/Downloads/34795-139401-1-PB.pdf](file:///C:/Users/Baia_07/Administrador07/Downloads/34795-139401-1-PB.pdf).
- 25 Vilhena M, Prado YZC. Dor, angústia e automutilação em jovens: considerações psicanalíticas. Adoles Saude [periódico na Internet], 2015 [acesso em 2017 jun]; 12(2): 94-8. Disponível em: [file:///C:/Users/Baia\\_07/Administrador07/Downloads/v12n2a12.pdf](file:///C:/Users/Baia_07/Administrador07/Downloads/v12n2a12.pdf).
- 26 Fernandes CS, Carvalho RO. Corpo sujo, alma limpa: considerações sobre escarificações em jovens emos. Rev Eco Pós [periódico na Internet], 2016 [acesso em 2017 jun]; 19(3):[314-35]. Disponível em: [doi:file:///C:/Users/Baia\\_07/Administrador07/Downloads/2447-11886-1-PB.pdf](doi:file:///C:/Users/Baia_07/Administrador07/Downloads/2447-11886-1-PB.pdf)
- 27 Lorena RGS. Um corpo para (de) marcar-se: um estudo acerca das escarificações na adolescência. [Dissertação de Mestrado]. Recife: Universidade Católica do Pernambuco; 2016.
- 28 Simeon D, Favazza A. Self-injurious behaviors: phenomenology and assessment. In Simeon D, Hollander E. editors. Self-injurious behaviours, assessment and treatment. Washington: American Psychiatric Publishing; 2001, p. 1-28.
- 29 Walsh BW. Treating self-injury: a practical guide. New York: Guilford Press; 2006.
- 30 Mesquita C, Ribeiro F, Mendonça L, Maia A. Relações familiares, humor deprimido e comportamentos autodestrutivos em adolescentes. Journal of Child and Adolescent Psychology [periódico na Internet], 2011 [acesso em 2017 jun] 3:[7-19]. Disponível em: <doi:http://hdl.handle.net/1822/16575>.

- 31 Chaves G, Lopes SMP, Perez GH, Watanabe DM, Romano BW. Instrumentos de avaliação de resultados em psicoterapia individual com pacientes adultos acometidos por doenças orgânicas: uma revisão sistemática. *Revista da SBPH [periódico na Internet]*, 2016 [acesso em 2017 ago] 19(1), 57-75. Disponível em: : [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_rtext&pid=S15160858201600010005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_rtext&pid=S15160858201600010005&lng=pt&tlng=pt).
- 32 Nader A, Morales AM. Síndrome de automutilación em adolescentes: análisis comparativo de comorbilidad. *Rev. Chil. Psiquiatr. Neurol. Infanc. Adolesc [periódico na Internet]*. 2008 [acesso em 2017 jun]; 19(2):[21-8]. Disponível em: <https://www.sopnia.com/boletines/Rev%20Sopnia%20Diciembre%202008.pdf>
- 33 Rolim RAB, Ferreira AAI, Carneiro HF. “A flor da pele”: o adolescente e suas possibilidades de defesa diante do outro. *Polêmica [periódico na Internet]*. 2016 [acesso em 2017 jun]; 16(3):[1-08]. Disponível: doi 10.12957/polemica.2016.25243.
- 34 Cardoso BCC. A escarificação na adolescência: a problemática do Eu-pele a partir do método de Rorschach. [Dissertação de Mestrado]. Brasília: Universidade de Brasília; 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/20593>.
- 35 Nock MK, Joiner TE Jr, Gordon KH, Lloyd-Richardson E, Prinstein MJ. Non-suicidal self-injury among adolescents: diagnostic correlates and relation to suicide attempts. *Psychiatry Res [periódico na internet]*. 2006 [acesso em 2017 ago]. 144:[65–72]. Disponível em: doi 10.1016/j.psychres.2006.05.010
- 36 Drieu D, Proia-Lelouey N, Zanella F. Ataques ao corpo e traumatofilia na adolescência. *Àgora [periódico na Internet]*, 14(1):[9-20]. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982011000100001>
- 37 Le Breton D. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. *Horizontes Antropológicos [periódico na Internet]*. 2010 [acesso em 2017 jun]. 16(33):[25-40]. Disponível em: DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832010000100003>.
- 38 Lacan, J. O seminário, Livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2005.